

bolsonaro¹, Lula e a Universidade

Percepções sobre a transição de governo para a experiência estudantil

Por Heitor Menezes Gomes

As pessoas que acompanham a Revista GUIA há algumas edições sabem que a área “UFSCar” trata de assuntos de certa forma internos à comunidade universitária - digo de certa forma pois a universidade nunca pode ser uma instituição completamente fechada em si mesma. Por menor que seja, sempre haverá uma integração entre seu entorno, seja uma cidade ou região, seja em suas contribuições mais singelas e passivas, como no exemplo da formação de mão de obra qualificada.

Devido a esse escopo de material da nossa área, pensamos, então, que os textos publicados aqui não deveriam ser somente institucionais: quem se interessaria por ler matérias sempre tão objetivas, sem envolvimento pessoal, sem aquele “quê” dos significados de ser universitário. Bem, esta é a proposta deste texto. Queremos, aqui, falar um pouco sobre a UFSCar, sim, mas principalmente sobre seus estudantes. Infelizmente, não será suficiente um único texto para tal - a categoria “estudante universitário” é extremamente diversificada, e uma única voz nunca poderia representar todas as possíveis existentes em um único campus da nossa federal, quem dirá os quatro campi.

Tendo isso em vista, gostaria de iniciar o texto então com essa noção esclarecida: tudo o que será relatado e discutido aqui parte exclusivamente da minha experiência dentro da federal, que poderá ser completamente diferente daquela de outras pessoas. O que pretendo discutir? Bem, quero falar sobre governo, sobre política, de forma pessoal, subjetiva. Em nenhum momento encheri o texto de dados, gráficos, índices - o que conta aqui é como enxergo o cenário político e, especificamente, como tenho me sentido durante este momento de transição de um governo ridiculamente fascista para um governo normal (para não botar também muitas flores em cima do que considero que o PT-PSDB representa para o país).

Para facilitar meu raciocínio, dividirei o texto em algumas partes.

Parte I - Ingressantes em 2019 (eu e bozo)

Assim como nosso ex-“presidente”, eu também iniciei uma nova etapa em minha vida em 2019. No caso dele, no governo federal, no meu, na UFSCar. À época, era ingressante em Gestão e Análise Ambiental, *campus* São Carlos, vindo diretamente do Ensino Médio. Considero este último um detalhe importante, pois há uma diferença muito grande de mentalidades entre pessoas que entram na universidade após ter vivido mais coisas que somente a escola e pessoas ainda “verdes” para a vida - ainda mais quando se sai de casa para estudar. Não quero dizer com isso que atingi, recentemente, o pico da maturidade, mas sim o pico da minha maturidade.

Nesse período, um jovem ainda dentro de uma bolha social (sou um membro da classe média brasileira) não entendia muito bem as categorias políticas mais caras para a discussão política informal, como os conceitos de classes e representação de interesses. Sabia existirem, sim, mas ainda as caracterizações eram nebulosas o suficiente para limitarem uma visão mais precisa da cena política geral, ou seja, era perfeitamente capaz de apontar o que o recém-empossado presidente ameaçava - quais direitos, quais pessoas. Não acredito, porém, que isso seja suficiente. Afinal, deve-se também entender que Bolsonaro não seja um evento isolado na política nacional, que sua eleição representou uma continuidade de um movimento que se desenrola desde o segundo mandato de Lula e que de forma nenhuma culminou no golpe contra a presidente Dilma.

1 - Todas as minúsculas relacionadas às pessoas e programas do governo bolsonaro são propositais.

O que quero dizer com isso é que, na época, sabia apenas isso: Bolsonaro representa uma parcela extremista da sociedade brasileira. Seus discursos são pífios, mas vazios (erro de leitura, vejo agora) e tudo o que ele poderia ameaçar está seguro pelas instituições, já que o dito-cujo encontra-se sozinho na presidência e, se não sozinho, pelo menos não tem coragem de fazer tudo a que se comprometeu. A piada em voga, para quem não contava com uma pandemia que atrasaria em no mínimo 2 anos a graduação e calculava que se formaria em 2022 era: “Que lixo ter que se formar com o diploma assinado pelo bozo hahaha”.

Uma pena que eu tenha sido provado errado. O ex-desgoverno não apenas não fez nada, como ativamente se colocou a trabalhar contra nossos direitos enquanto cidadãos, os direitos inclusive de existência de grupos em situação de vulnerabilidade social e, como se não bastasse, nos últimos meses atentou descaradamente contra a própria democracia que o elegeu. São inúmeras as formas pelas quais poderia expressar o nojo que o período bolsonaro foi, e ainda piores os números que comprovam essas situações, mas meu interesse para este texto não comporta tal empreendimento.

Como, na primeira metade do governo, o dito-cujo estava mais “comportado”, limitando-se a exposições ao ridículo e a alguns projetos toscos, mas não menos ameaçadores, como o **future-se**, lembro-me de menos agitações gerais dentro da universidade, como as mobilizações contra os cortes orçamentários das instituições de Ensino Superior conhecidos como o Tsunami da Educação. Talvez minhas memórias tenham sido prejudicadas pelo período que passamos no purgatório da pandemia extremamente mal gerenciado por bolsonaro, e pode ser que tivessem ocorrido mais dessas efervescências durante 2020. Poderia até dizer que a própria gerência da pandemia representou um desses momentos, visto os constantes movimentos contrários à gestão sanitária (e geral) do governo que ocorreram principalmente em 2021.

Em linhas gerais, podemos dizer que o future-se foi um projeto do governo federal de aumentar a proporção de investimento privado em universidades públicas, abrindo brechas para interrompimento de fomento à educação e pesquisa com verbas do Estado. Além disso, vale ressaltar que as universidades sem o future-se não estão fechadas a investimentos da iniciativa privada.

Parte II - O limbo da pandemia

Marcante como foi, não poderia deixar de dedicar uma seção deste subjetivo texto à pandemia. Afinal de contas, após não muito tempo de paralisação das atividades da UFSCar, ficou claro para nós que a crise não era apenas sanitária, mas política. O então governo poderia talvez ter passado batido por um determinado período - enquanto acreditávamos não haver possibilidade de vacina e que deveríamos esperar até que eventualmente o perigo passasse. As coisas apertaram, claro, conforme paulatinamente se revelou que, na verdade, tudo poderia ter sido resolvido em menos tempo, com menos dor de cabeça e evitando-se muitas mortes decorrentes da nova doença, se apenas tivéssemos tido uma gestão eficiente da(s) crise(s).

Entendo que para muitos estudantes da federal e de outras universidades, o ensino remoto tenha sido uma oportunidade de progredir na graduação sem todos os gastos de tempo e outros recursos exigidos pela modalidade presencial - pudemos fazer as disciplinas, grande parte de nós, em casa de família, sob um regime econômico mais confortável, sem se preocupar com deslocamento diário até a universidade e o tempo passado lá. Esse foi o caso de muitas pessoas ao meu redor, que declaram ter sido uma época de conforto. Como o texto é pessoal, porém, não estou falando sobre essas pessoas.

Particularmente, o ensino remoto foi muito sofrido para mim, por muitos fatores de ordem pessoal que vão desde dificuldade para ser produtivo apenas passando o dia em casa na frente do computador até as dificuldades do convívio familiar em ambientes, digamos, desfavoráveis. E por “ambientes” entende-se também o físico. Agora, é claro, eu não teria tocado neste assunto se não fosse pela sua direta relação com o cenário político da época.

Afinal, se o ensino remoto foi difícil, e se sofreu por conta dele durante muito mais tempo do que poderia ter estimado ou suportado, tudo se deveu à má gestão da pandemia. Má gestão esta à qual não podemos atribuir o benefício da dúvida, pois para isto também há provas de intenção por parte do governo.

Posso dizer, pelo menos, que sei não estar sozinho nesta leitura. Pessoas de meu convívio, estudantes também da federal, compartilharam dos mesmos sentimentos e das mesmas angústias provocadas pelos crimes sanitários de Bolsonaro. Pessoas que relatam viver em cenários familiares de extrema dificuldade, profundamente marcados pelo abuso emocional de seus parentes; pessoas para quem a vida em São Carlos significa um refúgio, um espaço de segurança, uma oportunidade de viver em qualidade e quantidade; pessoas de quem até isso o governo de Bolsonaro foi capaz de tirar.

Parte III - Finalmente, as eleições

Não traria novidade nenhuma em comentar a ansiedade nacional que caracterizou o período eleitoral brasileiro em outubro de 2022. Todos nós olhamos continuamente as notícias - se não olhávamos, elas vinham até nós - e nos deparamos a cada dia com comentários em redes sociais e reportagens que demonstraram que tanto os fascistas quanto as pessoas normais não se aguentavam de esperar pelos resultados. De um lado, esperavam pela oportunidade de empurrar para o horizonte os rastros de destruição deixados nos últimos quatro anos; de outro, esperávamos pelo respiro mais profundo de acordar e saber que nossos interesses seriam esmagados somente dentro dos limites da Constituição.

Quão mais precisaríamos nos preocupar com os ataques cada vez mais ferozes contra as universidades? Quão mais precisaríamos nos preocupar com a tendência alarmante de que a Amazônia se degradasse irreversivelmente? Quão mais precisaríamos imaginar em que momento o Congresso e o STF seriam fechados por golpistas?

Felizmente, a resposta não demorou, e era: não mais por quatro anos. Por alguns meses, talvez, enquanto a posse do presidente Lula não se concretizasse. Mas só isso, e esse tempo passou.

Você vê, ninguém se sente seguro de fato. Não só pelo fato de termos um vice-presidente alarmante, mas pelo próprio fato de que há muito caiu por terra a narrativa de que o Partido dos Trabalhadores representa os interesses dos trabalhadores. Ainda nos mantemos alertas com a possibilidade de novos ataques contra instituições e serviços públicos na forma de cortes orçamentários. O ponto de virada está, na verdade, em outro elemento: a negociação.

Sim, todos os governos estão, em maior ou menor medida, contra nós. Mas, pelo menos, passamos pelo vale da sombra e da morte para culminar em um período que será difícil, sem dúvidas, por conta de atritos previsíveis entre executivo e legislativo, mas que abre espaço para, sobretudo, a negociação. Se ataques virem deste governo, temos a perspectiva de negociar. Não confunda com a ingenuidade de acreditar que possibilidade de negociação significa prescindibilidade de manifestações, mobilizações, atos, agitações, efervescências...

Em suma, essas são minhas percepções sobre a passada de faixa que sequer aconteceu: é um momento de retomada de fôlego, de uma mínima esperança de que as coisas vão se ajustar. Não como devem ser para nós, mas de uma forma menos dolorosa. Enquanto estudante da UFSCar, é o momento de acreditar que os perrengues possam diminuir e, que se há ameaças orçamentárias contra o funcionamento da própria instituição, que talvez o déficit possa se converter em um que prejudique alguns serviços, mas não todos. Enfim, é um momento de pensar que talvez não sejamos mais escancaradamente perseguidos, institucionalmente violados em discursos e ações nunca dignas de um presidente, mas que foram absurdamente naturalizadas ao longo dos últimos anos.